

## Resina Rodrigues ou o paradigma do Ser

O século XX caminhava célere para o seu ocaso.

Uma onda de agitação, prenúncio de tempo novo e futuro incerto, perpassa o mundo.

Nos Hospitais Civis de Lisboa, vetusta e multissecular instituição, a vida decorre serena e mortíça entre libações e fomigações de penicilina, digoxina e furosemido.

Da unidade de urgência médica do Hospital de S. José, vulgo U.U.M., sopra fresca e envolvente aragem de mudança.

Questionam-se hábitos e costumes arreigados e enquistados; galvanizam-se vontades jovens e adormecidas. A prática clínica ganha uma dimensão até então desconhecida. Ao preciosismo da anamnese e do exame objectivo, complementado pelos laivos filosóficos do rigor da discussão diagnóstica, acrescenta-se uma capacidade de intervenção verdadeiramente inovadora. Doravante, a monitorização dos doentes e a respectiva terapêutica assumem um aspecto novo e saudavelmente agressivo.

A velha fluidoterapia e vigilância dos parâmetros vitais é enriquecida com a cateterização de veias centrais, a monitorização cardíaca, a medição invasiva da pressão arterial, a entubação orotraqueal, a prótese ventilatória mecânica, a hemodiálise, e eu sei lá o que mais virá!...

Uma autêntica revolução biotecnológica a instalar-se na placidez da clínica!

Foi assim que, em Janeiro de 1982, oriundo da Universidade Aberta, do “Banco” de S. José, aportei à U.U.M. para cumprimento de um estágio de seis meses de cuidados intensivos, à data introduzido nos *curricula* de Medicina Interna.

Tive então o grato privilégio de conhecer e privar com o Dr. Resina Rodrigues, num contacto que se prolongaria por uma mão cheia de anos, dos mais gratificantes e enriquecedores da minha vida clínica.

Figura de aparência austera, seco de carnes, rosto de traços vincados, cabelo eriçado ao vento das ideias, com o sentido de disciplina do militar e de missão do sacerdote, dir-se-ia saído da ordem antiga. Puro engano. Personalidade singular e telúrica, arrancado às páginas de Torga, nele convivem em harmonia as escarpas agrestes e os penhascos do Marão natal, com as encostas amenas e soalheiras de São Leonardo de Galafura, cobertas de vinhedos, banhadas e entrelaçadas pelo enleio e meneios sinuosos do Douro, num êxtase de beleza – memória de um tempo primordial da Criação.

Dotado de vontade inquebrantável, com empenho e dedicação que não conhecia calendário nem horário, deu corpo a um sonho que modificou de forma radical e irreversível a qualidade assistencial nos Hospitais Civis.

Defensor lúcido e inteligente da Medicina Interna, soube sempre, em espírito de abertura e colaboração com todas as especialidades, reservar-lhe o papel de maestro, ciente de que a orquestra sinfónica dos mais exímios executantes, sem regente, não passa de uma “disfónica”.

Um exacerbado sentido de pudor constrangia-lhe no quotidiano a exteriorização de simples sentimentos de dedicação constante ao doente e de solidariedade com colegas e colaboradores.

Ao longo dos anos, repetiu-se o cerimonial do cumprimento rotineiro: “Olá Senhor Doutor, como vai?”, “Cá me vou arrastando...Lacerda, cá me vou arrastando...”, entrecortado por gargalhada breve e contida, prolongada num sorriso malicioso e rápido movimento de olhos plenos de intencionalidade.

Num ápice, o tempo passou, povoando a vida de memórias e, neste momento de adeus à sempre “sua” e também um pouco nossa U.U.M., não posso deixar de expressar o testemunho de respeito e gratidão, certamente comungado por gerações de médicos, ao Homem que, no país da palavra, foi o pedagogo da acção, rasgando novos horizontes à medicina hospitalar.

AMADEU PRADO DE LACERDA  
Chefe de Serviço de Medicina Interna  
Hospital S. Bernardo, SA.